



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

?Desabrochar? do yoga: corpo e agenciamentos terapêuticos de vivências e práticas coletivas

Autoria: Alicia Cima Rodriguez (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul), Daniel Giordani Vasques

Entre prana, asanas, mudras, isto é, respiração, postura e gesto, a ?filosofia? do yoga pretende (re)ligar os corpos que constituem o ser. Assim, procura transpassar as dicotomias corpo-mente, possibilitando um potente diálogo entre essas práticas que agregam elementos corporais, espirituais, filosóficos e as novas ontologias antropológicas. A vivência em campo, enquanto instrutora e pesquisadora, constituiu o solo fértil onde tais aproximações puderam brotar. Constituímos práticas semanais de yoga gratuitas à comunidade local em um ginásio da prefeitura na Zona Sul de Porto Alegre. Um grupo com cerca de 15 pessoas, a maioria mulheres, frequentou durante dois meses as aulas. O objetivo desta pesquisa foi refletir as noções antropológicas de corpo e de saúde na prática do yoga, analisado a partir das reflexividades do campo. Para pensarmos o corpo e suas afetações, caminhamos pelas obras de Bruno Latour e Annemarie Mol. Entre o conceito de ?tornar-se articulado? de Latour e a ?ação incorporada? de Mol, os autores convergem ao analisarem o corpo e sua performance de forma indissociada do ambiente, das afetações, das múltiplas agências e da experiência vivida. Para nos aproximarmos do que toca o terapêutico, utilizamos do conceito



de ?agenciamento? no sentido de Fátima Tavares que, em recente work (2017), propôs a rediscussão de conceitos da antropologia da saúde, e sugeriu olhar para os ?agenciamentos terapêuticos?, defendendo que, além de sujeitos, outros mediadores heterogêneos agenciam processos de saúde e cuidado. As aulas de yoga eram, assim, um dos agenciamentos terapêuticos escolhidos por aqueles atores. Durante as aulas de yoga, os corpos eram instruídos a uma série de movimentos, assim corpos e práticas eram construídos: muitas vezes agitados, eram convidados a um momento inicial de conscientização; após, evocavam-se os ásanas, onde os corpos performavam a mobilidade, a extensão do corpo era tateada e o corpo ampliava seu espaço de existência. Depois, os corpos voltavam-se a sentar, então convidávamos o ar para articularmos com ele, as narinas conectavam o ambiente externo e interno ao corpo e tal separação dentro/fora era rompida. Para finalizar a aula, os corpos deitavam-se no solo, adquiriam uma posição horizontal, entregues, e percebiam as afetações ocorridas durante a aula. Nesse olhar, o corpo yogi era ensinado a ser afetado na prática, tornando-se sensível a mais diferenças, contrastes e mediações. Quiçá uma das mais potentes afetações do yoga, no processo de "desabrochar" dos corpos, seja aprender a ser afetado no sentido de observar-se, seus movimentos, seus corpos, suas espiritualidades, seus processos de saúde e doença, e ampliar, assim, as percepções e sensibilidades do corpo no mundo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: